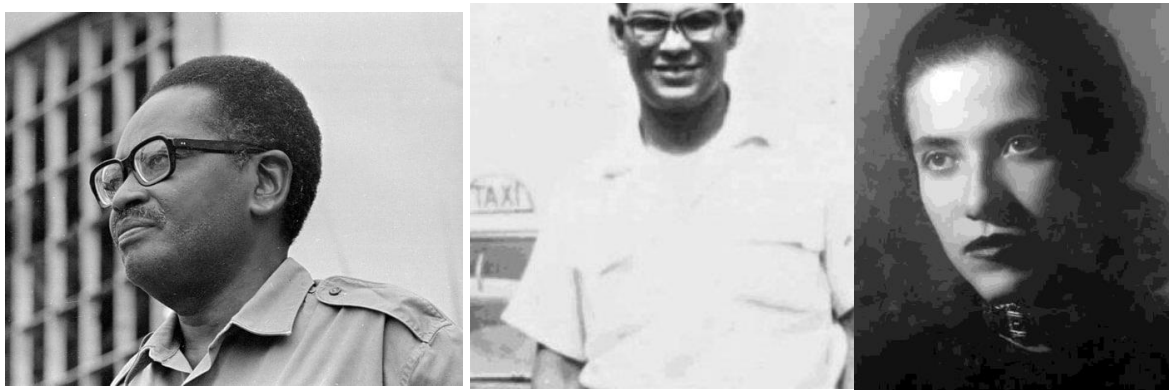


A África-mãe, a Mãe Angola: O arquétipo materno na poesia de Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara

Catiana Sampaio dos Santos¹

Silvio Ruiz Paradiso²



RESUMO: A ideia de mãe sempre permeou a sociedade humana, criada e fortalecida através de um imaginário coletivo e social, quiçá, consciente e inconsciente. Tal ideia, com o passar das eras, foi se estabelecendo enquanto um arquétipo, desdobrando-se em ideias como “Grande-Mãe” e “Mãe-Terra”. O continente africano assumiu metaforicamente a roupagem dessas “mães”, transformando-se na “Mãe-África”, ideia que configurou a literatura africana de Língua Portuguesa desde tempos coloniais. Desta forma, este texto objetiva discutir e analisar a construção do termo “Mãe-África” e como ele se desvela na poesia angolana, com autores como Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara.

Palavras-chave: Literatura Africana; Imagem Materna; Arquétipo; Mãe-África; Literatura Angolana.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Membro do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas, História e Pós-Colonialismo”. E-mail: catianass@hotmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e Coordenador do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas, História e Pós-Colonialismo”. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presença do termo “Mãe-África” na cultura africana e afro-diaspórica é recorrente. Na literatura, o termo se consolidou e se fez presente principalmente no período colonial, evidenciando “ideias” como a maternidade simbólica do continente com seus filhos, o contraponto à ideia sexualizada da mulher-colônia objetificada e a relação entre nação e terra. O termo advém de uma ideia arquetípica, perpassada pelo tempo através do inconsciente coletivo. Este texto irá discorrer sobre a presença da ideia “mãe” na literatura africana, em especial angolana, e suas sub-imagens como “Mãe-África”, “Mãe-Terra”, “Grande-Mãe”, “Mulher África” e “Negra-Mãe”.

A primeira seção “Mãe, um conceito” irá discorrer sobre a ideia de mãe hoje e ao longo da humanidade, mostrando que tal ideia, ainda que cultural, é atemporal e universal. A seção “Mãe, o arquétipo” abordará como essa ideia se cristalizou através do inconsciente e consciente coletivo, transformando-se no que Jung denominou como imagem arquetípica. Em seguida, em “A terra é Mãe. África é Terra. A África é Mãe” exploraremos as relações que se estabeleceram entre os signos “África”, “Mãe” e “Terra”, bem como a presença dessa relação em textos da poesia angolana. Por fim, na última seção, analisaremos os poemas *Adeus na Hora da Largada* e *Havemos de voltar*, de Agostinho Neto; *Mamã Negra*, de Viriato da Cruz e *Presença Africana e Prelúdio*, da poetisa Alda Lara.

Assim, objetiva-se entender a presença do arquétipo materno, em especial a Mãe-África na poesia angolana, e quais significados se expressam nesta presença.

MÃE, UM CONCEITO

Por mais que tentemos definir “Mãe”, é quase improvável que isto seja exequível, pois sua compreensão depende da cultura e do período a qual é delineada sua ideia (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Desta forma, pela dificuldade de definição, iniciamos este texto com “conceitos” do termo, que prezam mais pela descrição genérica de que a palavra “mãe” desprende.

Segundo o dicionário da língua portuguesa *Larousse* (2004), “mãe”, do latim *mater*, significa “1. Mulher ou fêmea de animal que gerou algum filho. 2. O que dá existência, fornece substância. 3. *Fig.* Aquela que dá assistência aos desgraçados”. Nota-se que o significado para o vocábulo mãe posiciona aqueles que recebem sua alcunha em um lugar de geração e proteção.

O termo “*mater*”, em latim, está associado outras duas palavras latinas, por extensão, *mamma* (“seio”) e *mammare* (“mamar”) (SIBURSKI, 2014). A relação mostra a ideia de a mãe suprir as necessidades de outrem. Se observarmos na grande maioria das línguas de origem indo-europeia, a palavra “mãe” revela um padrão comum fonético com o [ma], visto que os fonemas bilabiais, como o /m/, por exemplo, ser um dos mais fáceis para o bebe produzir (CARDOSO, 2015).

De forma geral, a ideia etimológica da palavra mãe é relativamente comum a vários idiomas, demonstrando sua relação, como vimos, com suprir necessidades, gerar e proteger.

O conceito sociológico, no entanto, difere de grupos para grupos. O fato de a mulher ter um útero e glândulas mamárias, tendo a possibilidade em dar à luz e de amamentar, não significa estar condicionada ao papel de mãe. Em contrapartida, outras sociedades observam a relação mulher e mãe de forma intrínseca, cujo papel de mãe é, além de ter filhos, servir o lar e ao esposo. Ainda que vista de maneira divergente durante os tempos, localidades e sociedades, a ideia de maternidade envolve grandes responsabilidades, experiências e aprendizados.

Mãe a partir do significado lexicográfico passa a assumir um significado sociológico, que se expande no tempo e espaço, conforme pontua Pombo (2013), de quem a maternidade é um conceito construído ao longo da história humana e de cada sociedade. Além de ser um conceito de caráter universal porque está ligada à reprodução da natureza, da nossa própria espécie, e de todas as outras.

Desta forma, o conceito de mãe passa a extrapolar a sua semântica presa ao biológico (mamar) (ALLEN, 2013, p. 255).

Simone Martins em “*A mãe do terceiro milênio*” (2003, p.16), revela que na atualidade, a ideia de “Mãe” se desvinculou da ideia biológica de mulher e consequentemente de esposa, visto o processo cultural que o termo é partícipe. E assim, a ideia de mãe assume um significado mais simbólico do que necessariamente conceitual, semântico ou biológico, evidenciando um imaginário coletivo sobre a maternidade e a figura da mãe arquetípica.

MÃE, O ARQUÉTIPO

De fato, a imagem coletiva de “mãe”, ainda que culturalmente distinta, projeta uma imagem arquetípica também coletiva, que ultrapassa barreiras temporais e geográfica. Mãe torna-se um arquétipo.

Segundo Serbena (2010), arquétipos são modelos que temos em nossas memórias, que se adaptam à sociedade em que estamos inseridos e representa essencialmente o nosso inconsciente, ou uma memória coletiva, e que pode se modificar através de nossa consciência individual manifesta. Os estudos sobre o arquétipo materno basicamente circundam a obra de Carl Gustav Jung, que o denominou *Grande Mãe*, em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000) e *A Grande Mãe* (1996), de Erich Neumann. Para Jung (2000), os arquétipos são símbolos carregados de significado universal que residem no inconsciente, isto é, tipos primordiais, arcaicos, imagens universais que sempre existiram em todo tempo e lugar. Estes significados universais, acrônicos e atemporais são possíveis devido à uma memória coletiva, isto é, uma memória “virtual” construída pelo inconsciente coletivo, existindo em cada indivíduo de maneira idêntica. Jung (2012) afirma que o inconsciente coletivo se diferencia do inconsciente pessoal devido ao fato de

não ter a sua existência ligada à experiência pessoal, mas universal. Ainda que cada ser humano, ontem, hoje, ou amanhã, tenha a ideia de “Deus”, “Morte” ou “Mãe”, há uma ideia geral e universal como base e modelo, que atravessa tempo e espaço. Estes significados são conteúdos presentes nesse substrato psíquico, ou seja, os arquétipos.

Há vários arquétipos como o *Herói*, o *Pai*, o *Sábio*, e obviamente, a *Mãe*, mais precisamente, a *Grande-Mãe*.

A presença do arquétipo da Mãe (ou Grande-Mãe) sempre esteve presente na sociedade humana. A Mulher de Willendorf, é um artefato esculpido em forma de mulher, de aproximadamente 25 mil anos atrás. A escultura é uma estilização da figura feminina e materna, cuja vulva, seios e barriga são volumosos, o que infere a ideia de fertilidade, e conseqüentemente, maternidade. Do período paleolítico para cá, a imagem da Grande-Mãe passou por Tiamat (Suméria), Freya (nórdica), Ishtar (Acádia), Astarte (Fenícia), Reia, Deméter, Gaia, Hera (Gregas) Aditi (hindu), Yemonja, Osun (yorubás), Sofia (gnosticismo), a Virgem Maria (cristianismo) até as madrinhas e bruxas dos contos de fadas, entre outras “imagens-ideia” da “mãe”.

A estátua pré-histórica de Willendorf, bem como a representação das deusas antigas, são exemplos de imagens simbólicas do arquétipo, pois é uma ideia, enquanto o símbolo é uma manifestação visível. As imagens simbólicas “são a visibilidade manifesta do arquétipo, correspondendo à invisibilidade latente do mesmo” (NEUMANN, 2006, p. 22). A figura do maternal, embora seja universal, possui uma variedade incalculável, de uma forma positiva ou negativa, e assim, seus símbolos são variados: a própria mãe biológica, a sogra, a madrinha, as deusas, o mar/água, a lua, símbolos circulares (que representam o ovário) ou profundos (que representam o útero), o local de origem, a terra. Sobre estes últimos elementos devemos nos debruçar mais profundamente. Essa relação entre terra e nacionalidade, por exemplo, como manifestações simbólicas do arquétipo materno, se dá segundo Neumann (1995, p.31) pelo fato de que tudo que “*preserva e nutre* qualquer coisa pequena pertence ao reino maternal primordial” (Grifo meu). Assim, o arquétipo materno (Mãe, Grande-Mãe) se liga intimamente com a ideia de *tellus mater*.

A TERRA É MÃE. ÁFRICA É TERRA. A ÁFRICA É MÃE

A ideia universal de “mãe”, como se vê, liga-se a ideia arquetípica da “Grande-Mãe”, força maternal (biológica ou simbólica), que provê vida e alimento, liga-se, por isso, a uma terceira ideia arquetípica chamada “Mãe-Terra”. É fato, que ao pensarmos no arquétipo materno descortina-se a imagem do princípio de tudo, o início, pois é a mãe que nos gera e dá a vida. Assim é a relação com a terra, espaço físico e simbólico que gera vida e alimenta. A terra enquanto solo ou superfície onde pisamos é também uma imagem simbólica do arquétipo da “Mãe-Terra”, bem como da “Grande-Mãe”, e com isso, passa a ter significados múltiplos, mas que demonstram a característica do homem preso à terra - nas palavras de Bosi (2006, p.14):

“nela abrindo covas que alimentam vivos e abrigam mortos”. A terra então passa a ter símbolo político (enquanto pertencente à própria família, clã e/ou tribo, e assim, coesas através da solidariedade que lhes estava assegurada) e religiosa (através do culto aos espíritos familiares e deuses ancestrais). Assim, a “Mãe-Terra” é uma imagem simbólica de poder e divindade (JUNG, 2000, p. 112). Logo, a terra tem caráter teomórfico, pois é reverenciada como divindade, e sempre divindades femininas.

Esta imbricação entre Mãe-Terra e Grande-Mãe, como subarquétipos do arquétipo maior “Mãe” se evidencia desde os primórdios do cultivo ao solo. Na arqueologia pré-histórica, por exemplo, com os registros de Çatal Hüyük (CAMPBELL, 1974) há registros de culto à Deusa-Mãe com uso de ocre vermelho, que tanto se relaciona à coloração da terra da região, quanto ao sangue menstrual e o poder de dar a vida. Isso fica claro quando retomamos à mitologia grega, com a deusa mãe das mães, Reia (a deusa Mãe-Terra). Chamada por Cibele pelos romanos, Reia em sua etimologia significa tanto terra como fluxo [no caso, sanguíneo] (RHEA, 2017).

Além disso, a terra de onde viemos é o ventre de onde saímos. Terra é Mãe duplamente. A importância de saber a sua terra de origem é fundamental tal como saber suas raízes genealógicas. Barbosa (2007, p.99) revela que a “maternidade estabelece a genealogia para todos os membros tribais e essa circunstância”, o que prova a importância matrilinear (origem pela Mãe) dos grupos étnicos, e consequentemente, o *locus* de onde estes grupos saíram (origem pela Terra).

Se a terra é símbolo arquetípico da ideia arquetípica materna, o território de nascimento passa a ter uma relação análoga com a maternidade. Hamilton (1981, p. 97) nos lembra que a Mãe-Terra ou Mãe Negra “neste nível de consciência [...] serve fins telúricos como símbolo de fecundidade e fidelidade às origens”.

O continente africano, enquanto berço da humanidade, recebe a alcunha de mãe dos homens. Laranjeira (1995, *apud* SANTOS, 2012, p. 72) mostra que

a África se mitifica como o grande continente de esplendorosas civilizações de onde irradiam para a diáspora de todo o mundo e cuja terra se constitui na grande *mater* da raça negra e por isso são comuns na poesia africana as expressões Mãe-África, Mãe-Terra e Mãe Negra.

A ideia de Mãe-África se fortalecerá a partir dos ecos ideológicos e mitológicos do pan-africanismo, que fortalecerá a ligação simbólica entre a mulher (mãe) e a terra (nação ou continente).

Essa ligação se dará fortemente no continente negro devido sua forte experiência matrilinear, e tal experiência reforça a busca e fidelidade filial dos negros pelo mundo ao continente africano. Munanga (1986) reforça esta ideia quando define que o sistema matrilinear mantém uma ideia simbólica do cordão umbilical, que mantém o indivíduo ligado e dependente da linhagem da mãe, ou neste caso, do continente. Ademais, a presença da mãe

constantemente perto do filho, parte de uma ideia mais tribal, em que não se oferecia outra alternativa a não ser a maternidade (ALLEN, 2013, p.255). Assim, todo afrodescendente na diáspora ou não, terá sua ligação com a mesma mãe – África, mesma base de origem étnica e cultural.

Nesse tipo de sociedade, a terra pertencia ao clã sendo considerada um elemento vital para a sobrevivência da comunidade. Neste cenário, a mulher tem um papel crucial não só pelo fato da sociedade tribal basear-se numa linguagem matrilinear, mas também pela importância da procriação [...]. Consequentemente, tanto a terra como a mulher são marcadas como símbolos de fertilidade e fecundidade [...] (BEZERRA, 1999, p. 51).

A África ganha a alcunha de Mãe tanto pela origem da humanidade, tanto pelas bases étnicas da negritude, como pela experiência de irmandade entre as nações africanas (através do pan-africanismo) que se viam como nações irmãs, e sendo irmãos, tendo uma mesma mãe.

A IMAGEM DA MÃE NA POESIA ANGOLANA

A África, enquanto continente, passa a ter simbolicamente uma relação arquetípica com a Grande-Mãe e/ou com a Mãe-Terra. Ao problematizar esse conceito de “mãe”, Cristina Steves (2000) em “O corpo da mãe da literatura: Uma ausência presente”, devemos entender a relação Mãe aqui também enquanto Mulher, já que a ideia de ser Mãe, no sentido estrito, está condicionada a ser mulher. Assim, o continente africano passa a ser a Mãe-Mulher também sob a ótica do colonialismo. Segundo Steves (2000) “A maternidade é um *locus* de poder e opressão, autorrealização e sacrifício, reverência e desvalorização, aspectos complexos que precisam ser trabalhados a partir da ótica da mulher”.

A Mãe-África, “o grande símbolo do inconsciente coletivo da alma africana” (TORRES, 1990, *apud* SANTOS, 2007, p.28) e assim toda essa imagem arquetípica se manifesta artisticamente na literatura. Chaves (1999, p.116) observa que a imagem da terra associada à figura da mãe tornou-se *leitmotiv* no percurso da poesia angolana, por exemplo. Entretanto, não se estabeleceu apenas em Angola, mas por toda produção africana. Bezerra (1999, p.51) confirma tal assertiva quando revela: “Já no âmbito dos textos produzidos no período de luta pela independência, a imagem da mulher mantém uma forte analogia com a imagem da terra e do próprio continente numa percepção que pode remontar para os próprios valores culturais africanos”.

A imagem da mãe na literatura angolana de Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara

Segundo Santos (2007, p. 27), a invocação da ideia de Mãe-África, principalmente na literatura angolana, nasce a partir do movimento “Vamos descobrir Angola”, em 1948, em Luanda. A ideia era que essa Mãe era mulher e terra, no mesmo padrão de deusas neolíticas, mas que, numa perspectiva

pan-africanista, seria a mãe negra biológica, a nação angolana e o próprio continente africano. O olhar telúrico e maternal com a África é observado em grande parte da produção poética em Angola, em especial na literatura de Agostinho Neto, Viriato da Cruz e Alda Lara.

Observamos o trecho do poema de Agostinho Neto:

Adeus na Hora da Largada

Minha Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 tu me ensinaste a esperar
 como esperaste nas horas difíceis

[...]

Sou eu minha Mãe
 a esperança somos nós
 os teus filhos
 partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
 somos as crianças nuas das sanzalas do mato
 os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
 nos areais ao meio-dia
 somos nós mesmos
 os contratados a queimar vidas nos cafezais
 os homens negros ignorantes
 que devem respeitar o homem branco
 e temer o rico
 somos os teus filhos
 dos bairros de pretos
 além aonde não chega a luz elétrica
 os homens bêbedos a cair
 abandonados ao ritmo dum batuque de morte
 teus filhos
 com fome
 com sede com vergonha de te chamarmos Mãe
 com medo de atravessar as ruas
 com medo dos homens
 nós mesmos

Amanhã
 entoaremos hinos à liberdade
 quando comemorarmos
 a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
 os teus filhos Mãe
 (todas as mães negras
 cujos filhos partiram)
 Vão em busca de vida.

António Agostinho Neto foi um médico, escritor e político angolano, principal figura do país no século XX e um dos nomes mais importantes da literatura africana em Língua Portuguesa. Nascido em Kaxikane, em 1922, Agostinho Neto foi Presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e em 1975 tornou-se o primeiro Presidente de Angola até 1979. O poema acima faz parte da coletânea “Sagrada Esperança” e foi escrito por Agostinho Neto enquanto estava na prisão. O poeta morreu em 1979, em Moscou. Nele, o eu-lírico inicia seu desabafo com o vocativo “minha Mãe”, e o uso do pronome possessivo meu - “minha” dá ao signo “Mãe” relações profundas e ancestrais com o sujeito poético. Ademais, o termo mãe com letra maiúscula é uma alegoria e termo universal para “mães negras”, ou seja, a relação intrínseca entre “Mãe-África e Mãe-negra-mulher”.

O poema, em seu início, aborda a questão da diáspora, como vemos no trecho “todas as mães negras cujos filhos partiram”, bem como as consequências da dispersão forçada. Em *Conceitos-chave da teoria pós-colonial* (2005), Thomas Bonnici expõe a origem epistemológica do termo diáspora, que vem do grego, *diasporein*, e significa semear, dispersão das pessoas. Tal dispersão é forçada e seus sujeitos que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas cuja origem ainda se mantém enraizada pelas culturas produzidas. Stuart Hall (2003) fala do processo como sendo um núcleo imutável e atemporal, que liga o passado ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta. Esta relação da diáspora com o passado, presente e futuro é claramente abordada no poema, quando vemos todo o processo cronológico do sujeito diaspórico longe de sua Mãe: “Sou eu minha Mãe a esperança somos nós os teus filhos”. Vemos as fases desse sujeito crescendo: “somos as crianças nuas / os garotos sem escola/ os homens negros”. O cordão umbilical simbólico com a Mãe África traz um deslumbramento de esperança em retornar: “tu me ensinaste a esperar”, “Amanhã entoaremos hinos à liberdade quando comemormos [...]”. O sujeito poético deixa claro que se sonho de regresso e volta à terra não diz respeito à Angola (ainda colonizada), mas a uma terra livre, ou seja, a terra pré-lapsariana.

O mesmo tema, bem como a questão da Mãe África e a ligação com os filhos é visto no poema *Havemos de voltar* do mesmo autor:

Havemos de voltar

Às casas, às nossas lavras
 às praias, aos nossos campos
 havemos de voltar

Às nossas terras
 vermelhas do café
 brancas de algodão
 verdes dos milharais
 havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes
 ouro, cobre, de petróleo

havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente

O poema cima sintetiza todas as discussões apresentadas em nosso texto. O sujeito poético, também diaspóricos, fala de sua volta à Mãe, que não é só mãe, mas também Terra, e no caso, Angola: “À bela pátria angolana/ nossa terra, nossa mãe/ havemos de voltar/ Havemos de voltar/ À Angola libertada/ Angola independente”. Talvez, o adjetivo “bela” frente ao termo “pátria”, tem conotação de feminizar o termo “pátria”, transformando-a em “mátria”. Novamente, a relação entre essa Mãe-Terra ser Angola, mas não qualquer Angola, e sim, uma Angola liberta e independente, mostra que o olhar do sujeito poético enquanto sua ideia maternal, é exclusivamente relativa à uma África-Mulher livre, tal qual as deusas neolíticas, poderosas, agentes, férteis tanto do ponto de vista geo-biológico quanto cultural, e não a Mulher-África colonizada, violentada e subjugada pelo colonialismo.

Vimos que ambos os poemas de Agostinho Neto apresentam a ideia de África e Angola como Mãe, como Terra, bem como as relações umbilicais com seus filhos diaspóricos. A relação maternal está intimamente ligada ao regresso ao ventre da Grande-Mãe, local de esperança e vida, simbolizada pelas imagens idílicas das plagas africanas.

Viriato da Cruz segue o mesmo caminho temático de Neto. Nascido em 25 março de 1928, e Angola e morto em 1973, na China, Viriato Francisco Clemente da Cruz foi considerado um importante impulsionador de uma poesia angolana, nas décadas de 1940, 1950 e 1960, e um dos líderes da luta pela libertação de Angola. Em *Mamã Negra*, o autor apresenta uma Mãe África imbricada umbilicalmente com os filhos que se espalharam pelo mundo:

Mamã Negra³

Tua presença, minha Mãe – drama vivo duma Raça
drama de carne e sangue
que a Vida escreveu com a pena de séculos.

Pela tua voz

Vozes vindas dos canaviais dos arrozais dos cafezais dos
[seringais dos algodoais...
Vozes das plantações da Virgínia
dos campos das Carolinas
Alabama
Cuba
Brasil...
Vozes dos engenhos dos banguês das tongas
[dos eitos das pampas das usinas
Vozes do Harlem District South
vozes das sanzalas
Vozes gemendo blues, subindo do Mississipi,
[ecoando dos vagões.
Vozes chorando na voz de Carrothers:
Lord God, what will have we done
Vozes de toda a América. Vozes de toda a África.
Vozes de todas as vozes, na voz altiva da Langston
na bela voz de Guillén...

Pelo teu dorso

Rebrilhantes dorsos aos sóis mais fortes do mundo
Rebrilhantes dorsos, fecundando com sangue, com suor
[amaciando as mais ricas terras do mundo
Rebrilhantes dorsos (ai a cor desses dorsos...)
Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco, pendentes da força
[caídos por Lynch.
Rebrilhantes dorsos (ah, como brilham esses dorsos),
ressuscitados com Zumbi, em Toussaint alevantados.
Rebrilhantes dorsos...
brilhem, brilhem, batedores de jazz
rebentem, rebentem, grilhetas da Alma
evade-te, ó Alma, nas asas da Música!
...do brilho do Sol, do Sol fecundo
imortal
e belo...

Pelo teu regaço, minha Mãe

³ In: Poesia Africana de Língua Portuguesa (Antologia) Maria Alexandre Dáskalos, Livia Apa, Arlindo Barbeitos Lacerda Editores – edição 2003.

Outras gentes embaladas
à voz da ternura ninadas
do teu leite alimentadas
de bondade e poesia
de música ritmo e graça...
santos poetas e sábios...
Outras gentes... não teus filhos,

que estes nascendo alimárias
semoventes, coisas várias
mais são filhos da desgraça
a enxada é o seu brinquedo
trabalho escravo – folguedo...

Pelos teus olhos, minha Mãe
Vejo oceanos de dor
claridades de sol posto, paisagens
roxas paisagens
dramas de Cam e Jafé...

Mas vejo também (oh, se vejo...)
mas vejo também que a luz roubada aos teus
[olhos, ora esplende
demoniacamente tentadora – como a Certeza...
cintilantemente firme – como a Esperança...
em nós outros teus filhos,
gerando, formando, anunciando
- o dia da humanidade
O Dia da Humanidade...

O próprio título do poema retoma o arquétipo da Mãe-África, a partir dos signos metonímicos “Mamã” e “Negra”. Vale ressaltar que a mãe aqui não é qualquer mãe, mas a Negra, personificado enquanto continente africano. Novamente, temos um sujeito poético que se utiliza do pronome possessivo: “Tua presença, minha Mãe”, e revela suas relações hereditárias através do termo “raça” personificado com letra maiúscula, e os termos “carne e sangue”. O eu-lírico afirma que a voz da Mãe ecoa através da voz dos filhos, estes escravizados espalhados pelas Américas (Virgínia, Carolinas, Alabama, Cuba, Brasil...). Tal voz ainda se manifesta através da música (Blues, Harlem, etc.). Em seguida, o poema faz a analogia entre a Mãe Negra com a Mulher negra através da repetição do termo “dorso” e a comparação com as curvas da natureza. Aqui, é clara a relação entre Mãe África e Mãe Terra. Na terceira parte do poema, o eu lírico cita que esta Mãe pode ser a mãe de outros povos: “Pelo teu regaço, minha Mãe / Outras gentes embaladas / à voz da ternura ninadas / do teu leite alimentadas / [...]”, mas que estes são “Outras gentes... não teus filhos”. Aqui a relação identitária é o que relaciona a ideia maternal entre negros e a mãe África, como aponta Bonnici (2005), quando fala dos sujeitos diaspóricos mantendo uma filiação, enraizada pelas culturas produzidas. Por fim, na última parte do poema o eu-lírico denuncia a Mulher-

África, violentada pelo colonialismo: “Pelos teus olhos, minha Mãe / Vejo oceanos de dor / [...] / dramas de Cam e Jafé⁴”, e em seguida, nos apresenta a Mãe-África, provedora de expectativa, através da personificação dos termos Esperança e Certeza.

Nos três poemas angolanos, percebemos que o retorno às origens, a terra natal (ou ancestral) e devoção à Mãe-África, revela uma fidelidade à origem africana, um dos três conceitos que definem a Negritude segundo Munanga (1986).

Alda Lara, diferente dos poetas anteriores, dá um olhar diferente à figura da Mãe-África, já que seu *locus* discursivo, enquanto mulher, proporcionaria isto. Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque nasceu em Benguela, Angola, em 1930 e morreu precocemente em Cambambe, em 1962. Tendo ido muito nova à Lisboa, estudou no Liceu e Faculdades de Medicina de Lisboa e Coimbra. Era casada com o escritor Orlando Albuquerque, e ligada a algumas das atividades da Casa dos Estudantes do Império. A seguir, trechos dos poemas *Presença Africana* e *Prelúdio*⁵

Presença Africana

E apesar de tudo
Ainda sou a mesma!
Livre e esguia,
Filha eterna de quanta rebeldia
Me sagrou.
Mãe-África!
Mãe forte da floresta e do deserto,
Ainda sou,
A Irmã-Mulher
[...]
Minha terra....
Minha, eternamente....

A presença da mulher como sujeito no poema é recorrente, tanto no uso do verbo “ser” como na construção da Imagem da mulher africana guerreira através dos termos “forte”, “sagrou” “rebeldia”, “Livre e esguia”.

A interligação da imagem maternal à natureza é visível, bem como alegoria do continente que é mulher, mãe e irmã com a terra, mostrando a relação recorrente na literatura africana entre terra e o ser feminino.

[...] Consequentemente, tanto a terra como a mulher são marcadas como símbolos de fertilidade e fecundidade, sendo que a posição social da mulher funciona como um fator fundamental no processo de organização política, econômica e

⁴ Mito bíblico que justificou a escravidão.

⁵ LARA, Alda. Poemas. 4.ª ed. Porto: Vertente, s/d. (1966).

religiosa da sociedade angolana [e africana]. (BEZERRA, 1999, pp. 51-52).

A transformação da terra angolana em mãe/mulher, com o uso alegórico da letra maiúscula alegoria, visa transformar a “pátria” como a “mátria”. É a mulher/Mãe/ Guerreira que representa a tal presença africana, conforme Mario Pinto de Andrade (1975). A transformação da Mãe em Terra: “Mãe-África! / Mãe forte da floresta/ [...] A Irmã-Mulher / [...] / Minha terra”, revela a terra como local materializado da identidade filial. Vemos isso também no poema a seguir, *Prelúdio*:

Prelúdio

Pela estrada desce a noite
Mãe-Negra, desce com ela...

Nem buganvílias vermelhas,
nem vestidinhos de folhos,
nem brincadeiras de guisos,
nas suas mãos apertadas.
Só duas lágrimas grossas,
em duas faces cansadas.

Mãe-Negra tem voz de vento,
voz de silêncio batendo
nas folhas do cajueiro...

[...]

Os teus meninos cresceram,
e esqueceram as histórias
que costumavas contar...

Muitos partiram p'ra longe,
quem sabe se hão-de voltar!...

Só tu ficaste esperando,
mãos cruzadas no regaço,
bem quieta bem calada.

É a tua a voz deste vento,
desta saudade descendo,
de mansinho pela estrada...

No poema acima de Alda Lara, a Mãe é a essência da memória identitária africana, presente na natureza (vento, folhas, cajueiro, estrada) e na voz, uma analogia à oralidade africana. A Mãe, a Terra a Voz são signos intimamente ligados à memória, que por sua vez, relaciona-se ao fato de manter um elo entre si: o telúrico, o oral e o maternal são projeções da memória, tanto coletiva como individual. A Mãe-Negra, presente no texto é metáfora da mãe biológica e simbólica (África), e por consequência, da terra prometida ao povo da diáspora: “Muitos partiram p'ra longe, / quem sabe se hão-de voltar!...”. Ela chama seus filhos não importa onde estão. A imagem da Mãe na poesia de Alda Lara, tanto em *Prelúdio* como em *Presença Africana* é a

imagem da mãe revolucionária, ligada a gestação de um projeto de nação e identidade.

A recorrência nos poemas apresentados neste texto, da Mãe que (re)lembra o lugar de seus filhos, de quem eles são, que se apresenta numa imagem diferente da que o colonizador a descreve ou que se transforma em Terra, Deusa ou Mulher, mostra que o arquétipo maternal é essencial no imaginário literário africano, aqui em especial de Angola, pois revela todas as possibilidades discursivas de apresentar África como a ideia da Grande-Mãe, a Mãe-Terra, a Mãe África

REFERÊNCIAS

- ALLEN, P. G. **The Sacred Hoop: Recovering the Feminine in American Indian Traditions**. Boston: Beacon Press, 2013.
- ANDRADE, M. P. de. **Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- BARBOSA, P. Z. e ROCHA COUTINHO, M. L. Maternidade: Novas Possibilidades, Antigas Visões. **Revista Psicologia Clínica**, 19(1), 2007, pp.163-185.
- BEZERRA, K. da C. Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia angolana dos anos 80. *In: Estudos portugueses e africanos*. Campinas: n. 33-34, v.1, p. 21-36, jul./dez. 1999.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. In: BONNICI, T. Coleção Fundamentum, n° 12. Maringá: Eduem, 2005.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BURSKI, C. Mãe, Madre, Mater, Mama... in: **Ecovoalivre** [blog]. 9 mai 2014. Disponível em <<https://ecovoalivre.blogspot.com/2014/05/mae-madre-mater-mama.html>>. Acesso em 28 out. 2019.
- CAMPBELL, J. **The Mythic Image**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1974.
- CHAVES, R. **A formação do romance angolano**. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Edusp, 1999.
- CRUZ, V. Mamã Negra. **Poesia Africana de Língua Portuguesa** (Antologia) Maria Alexandre Dáskalos, Livia Apa, Arlindo Barbeitos Lacerda Editores – edição 2003.
- HALL, S. *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília, 2003.
- HAMILTON, R. G. **Literatura africana - literatura necessária - I Angola**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- LABAN, M. [entrevista] Encontro com Noémia de Sousa. In: **Moçambique –encontro com escritores**. Porto: fundação Eng. António de Almeida, 1998, v.1. p.243-346.
- LARA, A. **Poemas**. 4.^a ed. Porto: Vertente, s/d. 1966.

- LAROUSSE. **Dicionário Larousse da Língua Portuguesa**. Larousse, 2004.
- MARTINS, S. **A mãe do terceiro milênio**. São Paulo: Butterfly, 2003.
- MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**, São Paulo: Ática, 1986.
- NETO, A. **Sagrada esperança**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- NEUMANN E. **A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo, Cultrix. 1968/ (5.ed.) 2006.
- NEUMANN, E. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1990.
- POMBO, C. **A Mãe e o tempo: ensaio da maternidade transitória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2013.
- RHEA. **Project Theoi**, 2017. Disponível em <https://www.theoi.com/Titan/TitanisRhea.html>. Acesso em 28 set. 2019.
- SANTOS, D. A. Representações da Mãe-África na literatura angolana. **Trama**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. p. 27-42, nov. 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/1721>>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- SANTOS, D. Representações da Mãe-África nas poesias moçambicana e afro-brasileira. **Revista do núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v.5, n.9, nov. 2012.
- SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 nov. 2019.